

Fernando Henrique quer tirar de pauta debate sobre eleições 2002

Sebastião Pedra

O precoce debate sobre a sucessão de 2002, acirrando a disputa entre os aliados, especialmente nas últimas duas semanas, surpreendeu o presidente Fernando Henrique Cardoso. E, para defender a frágil harmonia na base de sustentação ao seu Governo, o Presidente decidiu evitar a discussão de sua sucessão no noticiário político. Fernando Henrique fará de tudo para retirar o assunto de pauta. "É preciso colocar panos quentes nessa disputa", explicou o Presidente.

A primeira atitude nesse sentido aconteceu no final da semana passada, quando ele interferiu pessoalmente no PSDB para evitar o assédio dos tucanos a deputados do PFL, PMDB, PPB e PTB com o objetivo de tornar-se a maior bancada da Câmara. Mas do que nunca, o Presidente sabe que será muito difícil manter a atual aliança nas eleições de 2002. Por isso, ele acha que o cuidado terá que ser redobrado para manter a governabilidade



O Presidente tem um nome para sucedê-lo, mas faz segredo

até o final de seu Governo. Entre os aliados, e até mesmo no Planalto, já cresce a convicção de que a base governista estará dividida na sucessão de Fernando Henrique.

"Esse afastamento vai acontecer de forma natural", avalia o governador tucano, Mário Covas (SP). "A menos que os outros partidos abram mão de suas candidaturas; afinal, não é

possível aceitar que Fernando Henrique não tenha candidato de seu partido", raciocina Covas. Já no Planalto, a ordem é tentar minimizar a dimensão do conflito que começa a surgir com a divisão dos três principais partidos da base. "É bom lembrar que essa aliança pode voltar a se reunir num segundo turno", pondera o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência,

Aloysio Nunes Ferreira. "Até porque, não somos tão incompatíveis assim, já que estamos juntos".

Para o cientista político Gaudêncio Torquato, professor titular da USP, a disputa de 2002 teve o seu acirramento de forma antecipada entre os principais partidos de sustentação ao Governo por causa das recentes demonstrações de "ambição avassaladora" feitas pelo PSDB. "O bico grande dos tucanos entrando na casca dos outros partidos está provocando feridas dolorosas que possivelmente não serão cicatrizadas até as eleições presidenciais", comparou Torquato. Segundo ele, mesmo que a economia tenha uma boa recuperação, dificilmente o PFL e o PMDB voltam a fazer uma aliança preferencial com os tucanos depois que o PSDB deflagrou a sua estratégia.

Mas pelo jeito, o processo de afirmação do PSDB não deve parar. Durante a semana passada o partido deu uma consistente

demonstração de força ao lançar os Cadernos 45, uma publicação tucana cujo objetivo é divulgar as ações do PSDB no Governo. Na ocasião, até o discreto ministro da Educação, Paulo Renato, foi incisivo ao garantir que o presidente Fernando Henrique irá fazer o seu sucessor. A idéia do partido é fazer neste ano um terço da 5.500 prefeituras de todo o Brasil.

"O PSDB precisa firmar-se, já que sempre pagou o ônus de ser o partido do Governo", observa o secretário de Ciência e Tecnologia de São Paulo, José Aníbal, um dos mais influentes tucanos. Já o ministro Aloysio Nunes Ferreira prefere expressões diplomáticas para interpretar essa disputa. "É natural que tudo isto esteja acontecendo, porque esse é um ano de afirmação partidária, por causa das eleições municipais", argumenta Aloysio. Para ele, essa disputa política é um reflexo de que a economia está bem e com isso novos temas passam a dominar o debate nacional.